

Ernest Hemingway

CONTOS  
DE NICK ADAMS

*tradução de*

Fernanda Pinto Rodrigues

Alexandre P. Torres

LIVROS DO BRASIL

## TRÊS TIROS

Nick estava a despir-se na tenda. Via as sombras do pai e do tio George refletidas pelas chamas da fogueira na parede de lona. Muito constrangido e envergonhado, despiu-se o mais depressa que pôde e colocou a roupa uma em cima da outra, com cuidado. Estava envergonhado, porque despir-se recordava-lhe a noite anterior. Todo o dia a afastara do pensamento.

Depois do jantar, o pai e o tio tinham atravessado o lago para pescar ao candeio. Antes de empurrarem o barco para a água, o pai disse-lhe que, se acontecesse alguma coisa durante a sua ausência, disparasse a espingarda três vezes e eles regressariam imediatamente. Nick afastou-se da margem e voltou ao acampamento através da floresta. Ouvia o bater dos remos, na escuridão. O pai remava e o tio ia sentado à popa a soltar a linha. Instalara-se, com a cana preparada, quando o pai empurrara o barco. Nick ficou a escutá-los no lago, até deixar de ouvir os remos.

Ao regressar pela floresta, começou a sentir-se assustado. Tinha sempre um pouco de medo na floresta, à noite. Abriu a aba da tenda, despiu-se e deitou-se muito quieto entre os cobertores, às escuras. Lá fora, a fogueira transformara-se num brasido. Nick ficou imóvel e tentou adormecer. Não se ouvia barulho nenhum. Nick pensou que se ouvisse uma raposa, um mocho ou qualquer outra coisa ficaria bem. Por enquanto, ainda não temia nada definido. Mas começava a sentir muito medo. De súbito, receou morrer. Algumas semanas antes, quando estava em casa, na igreja tinham cantado um hino chamado «Um dia a corda de prata quebrar-se-á».

Enquanto cantavam o hino, Nick compreendeu que qualquer dia morreria. Isso fê-lo sentir-se muito indisposto. Era a primeira vez que tinha consciência de que teria de morrer. Um dia.

Nessa noite sentou-se no corredor, debaixo da luz que ficava acesa até de manhã, a tentar ler *Robinson Crusóé* para não pensar que um dia a corda de prata se quebraria. A enfermeira encontrou-o a ler e ameaçou fazer queixa ao pai se não fosse para a cama. Nick foi para a cama, mas assim que ela se meteu no quarto saiu de novo e leu debaixo da luz do corredor até nascer o dia.

Na noite anterior, na tenda, sentira o mesmo medo. Era só de noite que o sentia. Ao princípio tratava-se mais de imaginação do que de medo. Mas depois de começar depressa se transformava em medo. Assim que começou a sentir-se realmente assustado pegou na espingarda, enfiou o cano pela frente da tenda e disparou três vezes. O coice dos disparos foi muito forte. Ouviu os tiros ecoar através das árvores. Mal disparou os três tiros sentiu-se bem.

Deitou-se à espera de que o pai regressasse e adormeceu antes de o pai e o tio apagarem o candeio, do outro lado do lago.

— Raios partam aquele miúdo — praguejou o tio George, enquanto remavam, no regresso. — Para que lhe disseste que nos chamasse? Provavelmente assustou-se com qualquer coisa.

O tio George era um fanático da pesca e o irmão mais novo do pai de Nick.

— Bem, ainda é muito pequeno.

— Isso não é motivo para o trazermos connosco para a floresta.

— Sei que ele é um grandíssimo covarde, mas naquela idade todos nós somos medricas — observou o pai.

— Não tenho paciência para o aturar. É tão mentiroso!

— Não penses mais nisso. Mesmo assim apanharás muito peixe.

Entraram na tenda e o tio George apontou a luz da lanterna elétrica para os olhos de Nick.

— Que foi, Nickie? — perguntou o pai, e ele sentou-se na cama.

— Parecia um cruzamento de raposa e lobo e andava a rondar a tenda — respondeu Nick. — Era um bocadinho como uma raposa, mas mais como um lobo. — Aprendera a expressão «cruzamento de» nesse mesmo dia, ouvida da boca do tio.

— Se calhar ouviu um mocho — comentou o tio George.

De manhã o pai encontrou duas grandes tílias americanas tão inclinadas uma para a outra que os seus ramos se tocavam, com o vento.

— Achas que terá sido isto, Nick?

— Talvez. — Não queria pensar no assunto.

— Nunca debes ter medo na floresta, Nick. Não há nela nada que te possa fazer mal.

— Nem os raios?

— Não, nem os raios. Se houver uma trovoada, vai para terreno descampado ou abriga-te debaixo de uma faia. Eles nunca atingem as faias.

— Nunca?

— Nunca soube de nenhum.

— Gosto de saber isso acerca das faias! — afirmou Nick.

Agora estava de novo a despir-se na tenda. Tinha consciência das duas sombras na parede, embora não olhasse para elas. Depois ouviu um barco a ser puxado para a margem e as duas sombras desapareceram. Ouviu o pai falar com alguém e, em seguida, gritar:

— Veste-te, Nick!

Vestiu-se o mais depressa que pôde. O pai entrou na tenda e remexeu nas mochilas.

— Veste o casaco, Nick — disse-lhe.

## ACAMPAMENTO ÍNDIO

Na margem do lago estava outro barco a remos puxado para terra. Os dois índios esperavam de pé.

Nick e o pai instalaram-se à popa e os índios empurraram o barco para a água e um deles entrou e empunhou os remos. O tio George sentou-se à popa do barco do acampamento. O jovem índio empurrou-o para a água, entrou e pegou nos remos.

Os dois barcos partiram, às escuras. Nick ouvia os toletes do outro bote, um bom bocado à frente deles, na neblina. Os índios remavam com movimentos rápidos e irregulares. Nick recostou-se, com o braço do pai pelos ombros. Estava frio na água. O índio remava com grande esforço, mas o outro barco distanciava-se cada vez mais na neblina.

— Aonde vamos, pai?

— Ao acampamento índio. Está lá uma senhora índia muito doente.

— Ah!

Quando chegaram à margem encontraram o outro barco já em terra. O tio George fumava charuto, às escuras. O jovem índio puxou o barco deles para a praia e o tio George deu charutos aos dois índios.

Afastaram-se da praia por um prado ensopado de orvalho, atrás do jovem índio, que levava uma lanterna. Depois meteram pela floresta e seguiram por um carreiro que levava à estrada de corte de árvores, que se perdia nos montes. Na estrada estava muito mais luminoso, em virtude de se terem derrubado árvores

de ambos os lados. O jovem índio parou e apagou a lanterna e continuaram a andar.

Ao contornarem uma curva surgiu um cão, a ladrar. Em frente brilhavam as luzes das cabanas onde moravam os índios recoletores de casca de abeto. Surgiram mais cães e os dois índios enxotaram-nos de volta para as cabanas. Brilhava uma luz na janela da cabana mais próxima da estrada, e à porta encontrava-se uma velha de lanterna na mão.

No interior estava uma índia nova, deitada num beliche de madeira. Havia dois dias que tentava dar à luz, ajudada por todas as velhas do acampamento. Os homens tinham-se reunido mais acima, na estrada, e fumavam, sentados às escuras, fora do alcance do barulho que ela fazia. A mulher gritou precisamente no instante em que Nick e os dois índios entraram na cabana, atrás do pai e do tio George. Estava deitada no beliche inferior, enorme debaixo de uma manta, e tinha a cabeça virada para o lado. O marido encontrava-se no beliche de cima. Três dias antes cortara gravemente um pé, com um machado. Estava a fumar cachimbo. O quarto cheirava muito mal.

O pai de Nick mandou aquecer água e, enquanto ela aquecia, disse ao filho:

— Esta senhora vai ter um bebé, Nick.

— Eu sei.

— Não sabes nada. Escuta-me. Aquilo por que ela está a passar chama-se trabalho de parto. O bebé quer nascer e ela quer que ele nasça. Todos os seus músculos trabalham para que o bebé nasça. É isso que acontece quando ela grita.

— Compreendo.

Nesse mesmo momento, a mulher gritou.

— Não lhe pode dar qualquer coisa para ela deixar de gritar, paizinho? — perguntou Nick.

— Não. Não trouxe nenhum anestésico. Mas os gritos dela não são importantes; não os ouço, porque não são importantes.

O marido, no beliche de cima, virou-se para a parede.

A mulher que estava na cozinha fez sinal ao médico de que a água estava quente. O pai de Nick foi à cozinha e despejou numa bacia cerca de metade da água da grande cafeteira. Na que sobrou meteu algumas coisas que trazia enroladas num lenço.

— Isto tem de ferver — disse à mulher, e começou a lavar bem as mãos, com a água quente da bacia e um bocado de sabão que trouxera do acampamento. Nick observou as mãos do pai, a esfregarem-se uma à outra com o sabão. O pai falava, enquanto as lavava cuidadosa e demoradamente:

— Sabes, Nick, os bebés devem começar a nascer pela cabeça, mas às vezes não acontece assim. Nessas alturas, causam uma quantidade de trabalhos a toda a gente. Talvez tenha de operar esta senhora. Daqui a bocadinho já saberemos.

Quando achou que tinha as mãos bem lavadas, foi para dentro e começou a trabalhar.

— George, puxa essa manta para trás, sim? — pediu. — Prefiro não lhe tocar.

Mais tarde, quando começou a operar, o tio George e três índios seguraram a mulher, para ela não se mexer. A índia mordeu o braço do tio George, que protestou: «Maldita *squaw*<sup>1</sup>!» E o jovem índio que o trouxera no barco riu-se dele. Nick segurava a bacia, para ajudar o pai. Demorou tudo muito tempo.

O pai pegou no bebé e deu-lhe uma palmada para o fazer respirar, e depois entregou-o à velha.

— Olha, Nick, é um rapaz. Que dizes de ser interno?

— Acho bem — respondeu Nick, que tinha a cara voltada, para não ver o que o pai fazia.

— Pronto, acabou-se — prosseguiu o pai e pôs qualquer coisa na bacia.

Nick não olhou para ver o que era.

<sup>1</sup> Termo de teor ofensivo referente às mulheres índias. (N. da R.)

— Agora, tenho de dar uns pontos — continuou o médico. — Podes olhar ou não, Nick, como quiseres. Vou fechar a incisão que fiz. Nick não olhou, perdera a curiosidade havia muito tempo.

O pai acabou o trabalho e endireitou-se, e o tio George e os três índios também. Nick levou a bacia para a cozinha.

O tio George olhou para o braço e o jovem índio sorriu, ao lembrar-se do sucedido.

— Desinfeto-te isso com água oxigenada, George — disse o médico.

Inclinou-se para a índia, que estava quieta, de olhos fechados e muito pálida. Não sabia o que acontecera ao bebé nem nada.

— Voltarei de manhã — prometeu o médico. — A enfermeira deve chegar ao meio-dia de St. Ignace e trará tudo quanto for preciso.

Sentia-se entusiasmado e falador, como os jogadores de futebol nos vestiários, depois de um jogo.

— Esta foi digna do jornal médico, George — declarou. — Fazer uma cesariana com uma navalha e suturar com linha de pesca de seda pura de 2,70 metros.

O tio George, que estava encostado à parede a olhar para o braço, comentou:

— Oh, não há dúvida de que és um grande homem!

— Acho melhor dar uma olhadela ao orgulhoso pai. Geralmente são os que mais sofrem com estas bagatelas. Devo dizer, no entanto, que ele fez muito pouco barulho.

Afastou o cobertor que tapava a cabeça do índio e ficou com a mão molhada. Empoleirou-se na borda do beliche inferior, com a lanterna numa das mãos, e espreitou. O índio estava com a cara virada para a parede e a garganta cortada de orelha a orelha. O sangue escorrera e formara uma poça no sítio onde o peso do seu corpo encovava o colchão. A cabeça repousava em cima do braço esquerdo e a navalha de barba aberta estava abandonada nos cobertores, de gume para cima.

— Leva o Nick lá para fora, George — pediu o médico.

Não foi necessário. Nick, que se encontrava à porta da cozinha, pudera ver bem o beliche superior, quando o pai, de lanterna na mão, inclinara para trás a cabeça do índio.

Começava a clarear quando percorreram a estrada de abate de árvores, a caminho do lago.

— Lamento muitíssimo ter-te trazido, Nick — disse o médico, perdida toda a exaltação pós-operatória. — Não te devia ter exposto a uma coisa tão horrível.

— As mulheres passam sempre tão mal quando têm bebês? — perguntou Nick.

— Não. Este caso foi muito, muito excepcional.

— Porque se matou ele, paizinho?

— Não sei, Nick. Suponho que não teve coragem para suportar aquilo.

— São muitos os homens que se matam, paizinho?

— Não, Nick, não são muitos.

— E as mulheres? São muitas?

— As mulheres são raras.

— Nunca se matam?

— Matam-se, às vezes.

— Paizinho...

— Que é?

— Aonde foi o tio George?

— Não tarda a aparecer.

— Morrer é difícil, paizinho?

— Não. Creio que é muito fácil, Nick. Mas depende.

Estavam sentados no barco, Nick à popa e o pai a remar. O Sol começava a espreitar por cima dos montes. Uma perca saltou e descreveu um círculo na superfície do lago. Nick meteu a mão na água e deixou-a arrastar. A água estava tépida no frio cortante da manhã.

Ao atravessar o lago de manhãzinha, sentado à popa do barco e com o pai a remar, teve a certeza de que nunca morreria.

## O MÉDICO E A MULHER DO MÉDICO

Dick Boulton veio do acampamento índio a fim de cortar troncos para o pai de Nick. Trouxe consigo o filho, Eddy, e outro índio chamado Billy Tabeshaw. Entraram pela cancela das traseiras, vindos da floresta. Eddy carregava o comprido serrão que se lhe dobrava no ombro e produzia um som musical quando ele andava. Billy Tabeshaw transportava dois grandes ganchos de lenhador e Dick três machados debaixo do braço.

Virou-se e fechou a cancela. Os outros dois seguiram à frente dele a caminho da margem do lago, onde os troncos estavam enterrados na areia.

Os troncos tinham-se soltado das grandes jangadas de toros rebocadas pelo lago abaixo até à serração pelo vapor *Magic*. Tinha vindo à deriva até à praia e, se não se fizesse nada, mais cedo ou mais tarde os tripulantes do *Magic* contornariam o lago num bote a remos, localizá-los-iam, cravariam um espigão de ferro com um aro na ponta de cada um e rebocá-los-iam para o largo, a fim de fazerem uma nova jangada. Mas também era possível que nunca os procurassem, pois a recuperação de alguns troncos não compensava a despesa feita para os recolher. Se ninguém aparecia, iam-se saturando de água e apodrecendo na praia.

O pai de Nick presumia sempre que seria isso que aconteceria e contratava os índios para virem do acampamento cortar os troncos com o serrão e fendê-los com uma cunha, para arranjar toros em semi-círculo e lenha para a grande lareira. Dick Boulton passou pela casa de campo e desceu até ao lago. Estavam quatro grandes troncos de faia

quase enterrados na areia. Eddy pendurou o serrão por uma das pegas na forquilha de uma árvore e Dick pousou os três machados na pequena doca. Dick era mestiço e muitos dos lavradores das imediações do lago supunham que fosse branco. Era muito preguiçoso, mas se começava a trabalhar, trabalhava a valer. Tirou um naco de tabaco da algibeira, deu-lhe uma dentada e falou em *ojibway* a Eddy e a Billy Tabeshaw.

Cravaram as pontas dos seus ganchos de lenhador num dos troncos e imprimiram-lhes um movimento oscilante, para o soltar da areia. Fizeram força nos cabos dos ganchos e o tronco moveu-se. Dick Boulton virou-se para o pai de Nick e disse-lhe:

— Bem, doutor, roubou uma bela quantidade de madeira.

— Não fales dessa maneira, Dick. É madeira flutuante.

Eddy e Billy Tabeshaw tinham libertado o tronco da areia molhada e rolavam-no para a água.

— Mergulhem-no bem — gritou Dick Boulton.

— Para quê? — perguntou o médico.

— Para o lavar. Tem de se tirar bem a areia por causa da serra — respondeu Dick. — E quero ver a quem pertence.

O tronco flutuava no lago. Eddy e Billy Tabeshaw apoiavam-se nos ganchos de lenhador e suavam ao sol. Dick ajoelhou-se na areia e observou a marca do machado do descascador na madeira da extremidade do tronco.

— Pertence a White e McNally — declarou, levantando-se e sacudindo os joelhos das calças.

O médico sentia-se muito pouco à vontade.

— Nesse caso é melhor não o serrares, Dick — replicou secamente.

— Não se abespinhe, doutor, não se abespinhe. Não me interessa a quem o senhor rouba. Não é da minha conta.

— Se pensas que os troncos são roubados, deixa-os estar como estão e volta para o acampamento com as ferramentas — disse o médico, muito corado.

— Não se precipite, doutor. — Dick cuspiu suco de tabaco para o tronco e a saliva correu para a água. — Sabe tão bem como eu que foram roubados. A mim tanto me faz.

— Está bem, se pensam que os troncos foram roubados, peguem nas ferramentas e vão-se embora.

— Então, doutor...

— Peguem nas ferramentas e vão-se embora.

— Escute, doutor...

— Se me voltas a chamar doutor, faço-te engolir os caninos!

— Oh, não, doutor, não faz!

Dick Boulton olhou para o médico. Era um homenzarrão e sabia-o muito bem. Gostava de entrar em brigas, sentia-se feliz a brigar. Eddy e Billy Tabeshaw olhavam para o médico, apoiados nos ganchos de lenhador. Ele mordiscou a barba do lábio inferior e olhou para Dick Boulton. Depois virou-se e subiu a encosta, a caminho de casa. Os homens perceberam, pelo porte das suas costas, que estava furioso. Seguiram-no todos com o olhar enquanto subia a encosta e entrava em casa.

Dick disse qualquer coisa em *ojibway*. Eddy riu-se, mas Billy Tabeshaw continuou muito sério. Não compreendia o inglês, mas suara durante toda a discussão. Era gordo e tinha apenas alguns pelos no bigode, como um chinês. Pegou nos dois ganchos de lenhador. Dick apanhou os machados e Eddy atirou o serrão da árvore. Puseram-se a caminho, passaram pela casa de campo, saíram pela cancela das traseiras e meteram pela floresta. Dick deixou a cancela aberta, mas Billy Tabeshaw voltou atrás e fechou-a. Desapareceram entre as árvores.

Em casa, sentado na cama do seu quarto, o médico viu uma rima de jornais médicos no chão, junto da escrivaninha. Ainda estavam fechados, com as cintas, e irritaram-no.

— Não voltas para o trabalho, querido? — perguntou-lhe a mulher do quarto onde estava deitada, com as persianas corridas.

— Não!

— Aconteceu alguma coisa?

— Discuti com o Dick Boulton.

— Ah! — exclamou a mulher. — Espero que não tenhas perdido a calma, Henry.

— Não perdi.

— Lembra-te de que aquele que domina o seu génio é mais forte do que aquele que toma uma cidade. — Era cientista cristã e tinha o seu exemplar da Bíblia, da *Science and Health* e da *Quarterly* na mesa de cabeceira, no quarto às escuras.

O marido não respondeu. Estava sentado na cama, a limpar uma espingarda. Puxou o depósito, cheio de pesados cartuchos amarelos, e despejou-o. Os cartuchos espalharam-se pela cama.

— Henry — chamou a mulher, e fez uma pausa. — Henry!

— Que é?

— Não disseste ao Boulton nada que o irritasse, pois não?

— Não.

— Então que se passou?

— Nada de importante.

— Conta-me, Henry. Por favor, não tentes esconder-me as coisas. Que se passou?

— Bem, o Dick deve-me uma quantidade de dinheiro, por lhe ter tratado a *squaw* da pneumonia, e desconfio que provocou uma discussão para não ter de me pagar em trabalho.

A mulher ficou calada. O médico limpou cuidadosamente a espingarda com um trapo e repôs os cartuchos no depósito, comprimindo-os contra a mola. Ficou sentado, com a arma nos joelhos. Gostava muito dela. Depois ouviu a voz da mulher, vinda do quarto às escuras:

— Querido, não creio, sinceramente, não creio que alguém fizesse uma coisa dessas.

— Não?

— Não. Sinceramente, não posso acreditar que alguém fizesse uma coisa dessas de caso pensado.

O médico levantou-se e arrumou a espingarda ao canto, atrás da cómoda.

— Vais sair, querido? — perguntou a mulher.

— Acho que vou dar um passeio.

— Se vires o Nick, diz-lhe que a mãe o quer ver, sim, querido?

O médico saiu para o alpendre e a porta bateu atrás dele. Ouviu a mulher conter a respiração, incomodada com o estrondo.

— Desculpa — disse-lhe, do lado de fora da janela de persianas corridas.

— Não tem importância, querido.

Transpôs a cancela, debaixo de sol, e meteu pelo carreiro que levava ao bosque de abetos americanos. Estava fresco entre o arvoredo, mesmo num dia quente como aquele. Encontrou Nick sentado a ler, encostado a uma árvore.

— A tua mãe quer que a vás ver.

— Quero ir consigo — redarguiu Nick.

O médico olhou para baixo, para o filho, e disse-lhe:

— Está bem, anda daí. Dá-me o livro; guardo-o na algibeira.

— Sei onde há esquilos pretos, paizinho.

— Então vamos vê-los.